

## OS IMPACTOS DO *BULLYING* NA VIDA ESCOLAR: SOB O VIÉS EDUCACIONAL E PSICOLÓGICO.

GOUVEIA, Willian Everton Fidelis<sup>1</sup>

FRANÇA, Gustavo Thayllon<sup>2</sup>

### RESUMO

Este trabalho, teve como premissa, suscitar um diálogo urgente sobre a constante necessidade de uma reflexão acerca das práticas do *Bullying* na escola, bem como a perspectiva de quem está sendo a vítima. Para tanto, este texto, teve como objetivo impar Estimar as consequências do *bullying* vivenciado por crianças e adolescentes dentro do ambiente escolar, para tanto, ainda para que seja feita reflexões, Partindo desta premissa, as bases bibliográficas utilizadas para a escolha dos autores, foram livros, revistas, periódicos científicos, sendo pesquisadas palavras chaves como "*Bullying*", "*Bullying Escolar*", "Impactos", "Saúde Mental", "Educativa", "Psicológica" dentre outras, já no que tange os autores, foram utilizadas referências como ALOMA R FELIZARDO (2017), MIRIAM ABRAMOVAY, MARTA AVANCINI E HELENA OLIVEIRA dentre outros. No que tange a metodologia do trabalho, entende-se que está se configura como o caminho a ser percorrido pelo autor, para o cumprimento dos objetivos estabelecidos ao longo do trabalho, este artigo, adotou como metodologia a abordagem qualitativa, com tipo de pesquisa bibliográfica, utilizando de bases de dados e literaturas especializadas para a construção da fundamentação teórica.

**Palavras-Chave:** *Bullying*, Educação, Psicologia.

### 1 INTRODUÇÃO

Quando retrata-se a violência escolar, percebemos que não é algo recente e sim recorrente na vida de muitas crianças e adolescentes a muitos anos, estudos americanos apontam que na década de 1950 a temática já vinha sendo abordada e utilizada em estudos acerca desse fenômeno que teve um aumento nos últimos anos e tem se tornado preocupante, visto que se transformou em algo muito mais agressivo e em outros casos fatal.

Já no Brasil as pesquisas datam a década de 1970, procurando entender os motivos do aumento das taxas violência, crimes, evasão escolar e os comportamentos da maioria dos docentes, a situação se torna alarmante na década de 1990 com as incidências de agressões físicas, não mais apenas fora do ambiente escolar e sim começa a ter impactos profundos dentro do ambiente escolar.

---

<sup>1</sup> Acadêmico do curso de Licenciatura em Pedagogia do Centro Universitário Internacional UNINTER

<sup>2</sup> Orientador de trabalho de conclusão e Professor da área de educação do Centro Universitário Internacional UNINTER

O *bullying* é compreendido por um conjunto de ações sendo elas de natureza verbal ou física, por isso o motivo de algumas pesquisas para entender esse fenômeno e as causas a curto e longo prazo são negativas, uma vez que são prejudiciais à saúde mental, a aprendizagem, o desenvolvimento comportamental, propiciando o isolamento do indivíduo e ajuda na auto mutilação, problemas com a concentração, abandono escolar, atrapalha nas relações interpessoais, desenvolve traumas, depressões e em muitos casos leva ao suicídio como forma de solução para este problema.

Para muitos é taxado como “zueira”, “brincadeirainha”, “gozação”, “coisa de criança”, “normal”, “algo sadio a fazer”, “coisa de adolescente”, “eu sofri e hoje estou aqui” e tantas outras desculpas para que tal ato aconteça, muitas vezes motivado pela família do agressor ou pelos discentes no ambiente que pensam como a maioria das pessoas, uma triste realidade tanto no âmbito psicológico, como no âmbito educacional trazendo marcas e dores para o resto da vida, para isso a necessidade de mudança para o fim dessas práticas ruins que infelizmente está enraizada na nossa sociedade, mas de pouco em pouco faremos mudanças significativas.

Partindo do exposto anterior, este trabalho busca como justificativa compreender as manifestações de como ocorre o *bullying* e pela não aceitação de um padrão pré-disposto pela sociedade, a diversidade religiosa, a orientação sexual, identidade de gênero, transformações corporais e as relações étnico-raciais são alguns dos fatores que acomete para que essa prática ocorra e cause prejuízos e problemas aos educandos durante e depois do fim da vida escolar, já que muitas dessas marcas têm grande impacto no final da adolescência a vida adulta.

A escolha do tema foi pautada por ser um assunto de extrema importância, pouco abordado e sempre trabalhado de uma taxativa a algo engraçado, normal ou voltado para um vitimismo. A temática vem para agregar no entendimento dos profissionais da área escolar e toda a comunidade que a escola está inserida, assim podendo se trabalhar com as formas de prevenção, a criação de campanhas com o intuito de proporcionar a diminuição dos prejuízos sofridos a crianças e adolescentes que são as vítimas diárias dessas práticas tão enraizadas nos costumes e comportamentos das pessoas e também contribuir para mudanças significativas tanto no âmbito escolar quanto fora dele.

Partindo da justificativa deste artigo, propõem-se a indagação principal, que servirá como norteador da pesquisa, pois sabe-se que o *bullying* é o causador de prejuízos no desenvolvimento cognitivo e nas relações psicossociais dos educandos, entre outros problemas, quais são os impactos dessa prática e as formas de combate?

Para responder este problema de pesquisa, foram estabelecidos, objetivos, sendo eles, geral e específicos, a saber: Estimar as consequências do *bullying* vivenciado por crianças e adolescentes dentro do ambiente escolar. Este objetivo geral, se desdobra em quatro objetivos específicos, sendo: (a) Analisar os impactos psicológicos e educacionais em decorrência do *bullying*; (b) Identificar fatores de vulnerabilidade que levam as práticas de *bullying*; (c) Apresentar a legislação, práticas e estratégias de combate ao *bullying*.

Para que estes objetivos, sejam cumpridos, foi estabelecida a metodologia utilizada nesta pesquisa, pois o estabelecimento de uma metodologia para um artigo científico se configura de maneira muito eficaz, pois esta deixará claro quais são os passos e os caminhos adotados para que o trabalho chegasse à sua etapa de concretude. Nesta concepção, Servo, Brevian e Silva (2007) afirmam que o conhecimento científico vai além do empírico, busca compreender diversas perspectivas, como por exemplo, o que consta no objeto de estudo: organização, estrutura, funcionamento e sua composição.

Partindo desta premissa, as bases bibliográficas utilizadas para a escolha dos autores, foram livros, revistas, periódicos científicos, sendo pesquisadas palavras chaves como “*Bullying*”, “*Bullying* Escolar”, “Impactos”, “Saúde Mental”, “Educação”, “Psicológico” dentre outras, já no que tange os autores, foram utilizadas referências como ALOMA R FELIZARDO (2017), MIRIAM ABRAMOVAY, MARTA AVANCINI E HELENA OLIVEIRA dentre outros. No que tange a metodologia do trabalho, entende-se que está se configura como o caminho a ser percorrido pelo autor, para o cumprimento dos objetivos estabelecidos ao longo do trabalho, este artigo, adotou como metodologia a abordagem qualitativa, com tipo de pesquisa bibliográfica, utilizando de bases de dados e literaturas especializadas para a construção da fundamentação teórica.

Na sessão um deste trabalho, serão abordados, quais os impactos, psicológicos e educacionais, referente as práticas do *bullying*, ocorridos dentro da sociedade, no contexto escolar e fora do âmbito escolar, apresentando dados para a reflexão, a segunda sessão, vem trazer os principais fatores sociais, econômicos, religiosos, corporais, raciais e sexuais, que levam a vulnerabilidade e a ocorrências destas práticas.

Na sessão três deste trabalho, serão propostas estratégias que visem a diminuição e minimizem os prejuízos decorridos dessa pratica, afim de proporcionar um cuidado maior as crianças e adolescentes alvo, a quarta e última sessão tem como finalidade fazer junção a sessão anterior e trabalhar com o desenvolvimento de campanhas de prevenção e conscientização juntamente com os profissionais da área escolar e toda a comunidade escolar.

## 2 CONCEITUANDO O *BULLYING* E SEUS IMPACTOS EDUCACIONAIS E PSICOLÓGICOS

Quando se fala acerca do *bullying*, devemos entender que devido as suas características se trata de um fenômeno e que cujo significado segundo o dicionário informal (2011) “1. Fato, aspecto ou ocorrência passível de observação (...) 3. Fato de natureza moral ou social.” Diante disso é necessário entender o significado da palavra? O que é esse fenômeno? Como ocorre? Quais as suas consequências? E entre outras problemáticas a ser trabalhada.

A palavra *bullying* surge nos anos 1980 com o pioneiro dos estudos voltados para essa temática o pesquisador Dan Olweus, que usou a palavra escandinava *mobbing* ou *mobbing* que quer dizer agressor/vítima e que para o inglês pode ser o verbo *bully* ou *bullies* no plural, que que traduzido ao português refere se a brigão, valentão, alguém que intimida, ou outros já que a palavra tem diversos outros adjetivos a serem usados.

O *bullying* para muitos pode ser evidenciado com uma ação que ocorre apenas dentro dos espaços escolares, mas não, ele ocorre nos diversos locais por onde as vítimas transitam, o grande problema é que o tema não era difundido como é nos dias de hoje e por isso muitos não o tenham percebido. Algo interessante a se pontuar é que houvessem mídias mais ativas ou meio de disseminação anos atrás, consegue-se saber de muitos mais casos e talvez de como lidar para evitarmos esses ocorridos.

O termo *bullying* é empregado em vários países para evidenciar o comportamento agressivo de um aluno ou mais a outro aluno ou grupo de alunos, na sua maioria camuflado em forma de brincadeiras que aos olhos de muitos não conseguem ou não querem enxergam a maldade ou prejuízos que podem trazer a vítima dessa “brincadeira”, tendo objetivos e propósitos benéficos a saúde física ou mental.

Os objetivos têm como base o uso da intimidação e de maus tratos a esse aluno, a intenção na maioria dos casos é a de ferir, usando o no medo e as ameaças como base, podendo ou não usar a agressão física para efetivar esse comportamento de domínio. A vítima diante disso se torna impotente e na maioria das vezes não irá procurar ajuda e nem tentar revidar, já que a opressão mental que se encontram os impedem de pedir ajuda e acabam permanecendo nesse sofrimento.

Um fator que podemos elencar no aumento do *bullying* é sem sombra de dúvidas a banalização da violência, os próprios meios de comunicação têm um grande peso nisso, já que de uma forma indireta acabam por apresentar conteúdos onde a violência está incutida, seja em seus telejornais, com suas chamadas enfáticas ou até mesmo em programas que

ficam horas com essa temática que deveria ser algo para a prevenção, acaba se tornando gatilho.

Outro grande fator é sem dúvida o público adulto que acaba contribuindo para o fortalecimento do agressor, uma vez que muitos não enxergam esse tipo de comportamento como danoso e normal para idade, dessa forma a violência ocorre de forma “sutil”, não podemos também deixar de lembrar que existem os que acham que essa pratica deve ocorrer e ainda incentivam para que ocorra, usando de justifica que em suas épocas eram algo que acontecia e não tinham danos futuros.

Para um dos pesquisadores citado anteriormente Dan Olweus (1993) o bullying tem três características constantes que são as ações que se repetem, um agressor que tem a intenção de causar dor física ou emocional e um agressor que tem mais poder ou força que a vítima, e de um outro lado temos uma vítima que sofre por conta desse comportamento agressivo e essas ações repetitivas que maneira intencional ferem o físico e psicológico.

Para compreendermos melhor o bullying, se faz necessário entender algumas ações que caracterizam esse comportamento do agressor sobre a vítima. Ações essas, onde podemos listar algumas, sendo elas: xingamentos, caretas ou gestos, a exclusão ou a obrigação ao isolamento, falsos rumores, apelidos, as discriminações físicas, de cunho social, racial, religiosa, sexual e as agressões físicas, são esses alguns dos fatores que culminam no sofrimento físico e psicólogo, além de ativar a incapacidade de ação diante da opressão.

Com a superexposição da temática ao longo do mundo, percebeu-se que alguns países não tinham um termo certo para utilização e que devido ao idioma ou vocábulo a palavra foi se adaptando ou passando a usar o termo usado mundialmente nos dias de hoje “bullying”. Já no Brasil por muito tempo outros termos foram utilizados, aqui se tornou parte do vocabulário e passou a ser usada com intensidade em 2009, Felizardo (2019) cita “(...)”. Esse tema tornou-se presente e discutido na mídia, mas em diversas ocasiões tem sido definido imprecisamente. ”

O tema vem sendo falado como uma maior atenção nos últimos anos, porém não de forma que deveria, uma vez que existe a banalização e aos olhos de muitos não passa de “mimimi” generalizado e sem necessidade, o famoso eu sofri e isso não me afetou, fazendo com que haja um fortalecimento dos agressores e esse comportamento só aumente ou se torne um ciclo sem fim. Os impactos que esses ataques proporcionam são dos mais variados possíveis, tanto no âmbito psicológico, quanto educacional.

As consequências ocasionadas irão variar de indivíduo para indivíduo, cada um vai reagir de uma forma, e os problemas advindos poderão seguir as vítimas até o resto de sua

vida. O poder que isso exerce quando fala-se no âmbito escolar e isso acaba prejudicando ou atrapalhando a aprendizagem ou a qualidade do ensino e é claro além de causar severos problemas ligados a saúde mental, esse que pode criar possíveis gatilhos que acarretaram na busca por resoluções mais drásticas.

Os ecos de violência influenciam na concentração dos alunos em sala de aula, nervosismo, a falta de interesse, a revolta e a incapacidade se juntam a outras ações que se tornam prejudiciais, isso quando não chegam ao ponto de se sentirem tão vulneráveis a ponto de deixarem de frequentar o ambiente que em muitas das vezes era seu refúgio e um local seguro. O medo de possíveis humilhações, agressões ou pressões psicológicas os fazem criar desculpas para não irem as aulas ou então arrumarem uma forma de fingir que foram para a escola.

Segundo Neto (2005, p.165) “Todos desejamos que as escolas sejam ambientes seguros e saudáveis (...). Portanto, não se pode admitir que sofram violências que lhes tragam danos físicos e/ou psicológicos (...)” o desejo de um ambiente de refúgio e seguro para nossas crianças e adolescentes é algo que almejamos, mas sabemos que muitos alunos não têm esse sentimento acerca da escola já que se tornou um local de constante sofrimento.

Em 2015 a Pesquisa Nacional da Saúde Escolar (PeNSE) em parceria com Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE) e o Ministério da Saúde, pesquisa ao qual se trabalhou com duas amostragens diferentes, nos quais o público alvo foram alunos de 13 a 17 anos, de diferentes escolas sendo do ensino público e particular. Na amostragem 1 o foco foram alunos do 9º ano em idades de 13 a 16 anos e já na amostragem 2 o foco foram alunos do 6º ano ao 3º ano do Ensino Médio e a pesquisa englobou as cinco regiões do Brasil. (PENSE, IBGE 2015)

Para essa pesquisa foi utilizado um formulário eletrônico com perguntas simples de situações de violência decorridas no ambiente escolar e as respostas também bem simples para facilitar e incentivar aos alunos a participação. A análise final da amostragem I contou com a participação de 3.040 escolas e 102.301 alunos que responderam o questionário no dia da coleta, sendo 51,2% do sexo feminino e 48,7% dos alunos do sexo masculino, além de 85,5% de escolas públicas e o restante do ensino particular. (PENSE, IBGE 2015)

Já a amostragem 2 contou com 380 escolas e 10.926 que responderam o questionário e para esse segundo grupo 50,3% do sexo masculino, 48,7 % do sexo feminino e 87,1% do ensino público e o restante particular. Ainda sobre a segunda amostra na questão da idade os percentuais ficaram muito próximos, como maior público para a faixa etária dos 14 e 15 anos com 20,7% e 21,6% respectivamente, já as demais faixas etárias

ficou em 19,7% para os 13 anos, 20,3% para os 16 anos e o menor percentual ficou com 17,8% referente aos 17 anos. (PENSE, IBGE 2015)

Como resultado percebeu-se que do total de participantes 7,4% sofreu algum tipo de bullying no ambiente escolar, em âmbito nacional a média para meninos foi a de 7,6% e para as meninas 7,2%. Em alguns estados o índice se mostrou abaixo da média nacional em outros estados acima da média, os índices mais altos ocorreram em São Paulo e no Paraná, a pesquisa também apontou que os meninos no geral sofrem mais do que as meninas, além do comparativo com as duas edições anteriores (2009 e 2012) para essa edição de 2015 houve um aumento de 37%. (PENSE, IBGE 2015). As ações decorridas desse comportamento do agressor sobre a vítima, podem trazer prejuízos na sua maioria irremediáveis, NETO (2005) afirma que:

“Existem dúvidas se os danos à saúde precedem o *bullying* ou se são esses atos que afetam a saúde dos alvos. O estresse causado pela vitimização poderia levar ao surgimento de patologias, mas as crianças e adolescentes com problemas como depressão ou ansiedade podem se tornar alvos de bullying. Poucos estudos investigaram essa relação, mas as duas hipóteses contam com forte apoio.” (NETO, Aramis, pág.168, Jornal do Pediatra, 2005).

O comportamental dessa vítima poderá variar em cada caso, já que a maioria das vítimas não conseguem procurar ajuda por medo das represálias e a impotência os impede de tomar essa decisão. Carvalho, Izbicki, Fernandes e Melo (2014) relatam que uma pesquisa analisou 33 diferentes instrumentos para avaliar as ocorrências do *bullying* e que apenas duas apresentaram qualidade, porém é recomendado um estudo mais aprofundado para a investigação afim de verificar a real eficácia dos instrumentos.

Para Neto (2007) em um de seus estudos, traz que alguns dos sinais e sintomas que deverão ser observados são: Alterações do sono; dores de cabeça; anorexia, bulimia, isolamento, tentativas de suicídio; agressividade; irritabilidade; síndrome do pânico; resistência em ir à escola; depressão; pedir dinheiro excessivamente para levar a escola; queda do rendimento escolar; automutilação; tristeza; crises de ansiedade e entre outros que não sejam condizentes ao perfil dessa vítima.

O desejo de vingança ou proteção faz com que as vítimas passem para possíveis agressores e pode-se atrelar isso também a uma parcela que recorre ao porte de armas de fogo ou brancas. O comportamento depressivo traz para o início da vida adulta sequelas e dores que irão acompanhar esse indivíduo, atrapalhando seu desenvolvimento em várias áreas de sua vida, gerando frustrações, baixa autoestima e aos que na sua adolescência não recorreram ao suicídio os fazem na vida adulta sendo assim a área psicossocial é uma das mais afetadas.

### 3 BULLYING E SUAS PRÁTICAS: IDENTIFICANDO FATORES DE RISCO E VULNERABILIDADE

O presente capítulo relata, os fatores que predispõe a incidência as práticas do *bullying*, ou seja, os fatores de risco e vulnerabilidade. Para tal efetivação será abordado as seguintes temáticas: a diversidade religiosa, as relações étnico-raciais, as transformações na imagem corporal e por fim e com maior ênfase a sexualidade, devido a sua maior incidência nos ambientes escolares e maiores danos físicos e psicológicos.

A cartilha “Saúde e Sexualidade de Adolescentes” (2017, p.22) cita uma das definições sobre sexualidade da Organização Mundial da Saúde (OMS) sendo descrita da seguinte maneira: “(...) entende a sexualidade como sendo influenciada pela interação de fatores biológicos, psicológicos, sociais, econômicos, políticos, culturais, legais, históricos, religiosos e espirituais (...)” desta forma entendesse que a sexualidade influencia vários fatores na vida de um indivíduo. Ainda na visão da Organização Mundial da Saúde, podemos compreender a definição de sexualidade também desta maneira:

"A sexualidade faz parte da personalidade de cada um, é uma necessidade básica e um aspecto do ser humano que não pode ser separado de outros aspectos da vida. Sexualidade não é sinônimo de coito (relação sexual) e não se limita à ocorrência ou não de orgasmo. Sexualidade é muito mais que isso, é a energia que motiva a encontrar o amor, contato e intimidade e se expressa na forma de sentir, nos movimentos das pessoas, e como estas tocam e são tocadas. A sexualidade influencia pensamentos, sentimentos, ações e interações e, portanto, a saúde física e mental. Se a saúde é um direito humano fundamental, a saúde sexual também deveria ser considerada um direito humano básico." (Intervenção Roda de Conversa Sobre Sexualidade, 2014, p.1, MATTOSO, MENEZES, LANGENDORF E MARQUES)

Quando relatamos a sexualidade nas escolas, percebemos que o assunto envolve alguns tabus, desta forma ainda faz o uso do termo heterossexual (feminino e masculino), pois é o padrão visto como correto pela sociedade, tudo aquilo que foge a isto é alvo discriminação pela maioria. Características afeminadas e masculinizadas, nem sempre condizem com a sexualidade, porém são julgadas pela sociedade como tal, um exemplo disso é a menina que gosta de jogar futebol e o menino que joga vôlei.

Para aqueles que fogem aos padrões pré-dispostos pela sociedade sofrem com a afeminofobia que é o desprezo pelas pessoas que fogem de seus papéis de gênero, homens femininos e mulheres masculinas. Ofensas e variados tipos de violência são vivenciados na sua maioria pelos meninos que possuem comportamentos feminizados, já que na sua maioria são adolescentes que estão na descoberta de sua sexualidade ou não se enxergam no corpo e sexo de nascimento, já as meninas com comportamentos



masculinizados também sofrem, porém são mais “respeitadas” e menos taxadas por conta da fetichização de sua sexualidade. (EL PAIS, 2017)

Comentários negativos carregados de preconceito, são ditos a todo momento e sempre com a desculpa de ser uma opinião própria, BENTO (2008, p.22) (...) “Um homem de batom e silicone? Uma mulher que solicita uma cirurgia para tirar os seios e o útero? Mulheres biológicas que tomam hormônios para fazer a barba crescer e engrossar a voz? Ela é ele? Ele é ela?”. Os padrões “divergentes” sempre serão os primeiros na linha de frente do *bullying* escolar, serão eles/elas que terão que lidar com toda a dor e sofrimento, já que a sociedade que deveria os apoiar, serão os primeiros a os atacar de formas diversas, deixando marcas permanentes.

Sem sombra de dúvidas os alunos LGBTQIA+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais/Transgêneros, *Queer*, Intersexo, Assexual e +), são um grupo que sofrem com o extremo *bullying* decorrido de suas orientações, um paralelo disso é a pesquisa realizada no final de 2015 e início de 2016, parceria entre a Secretaria de Educação da Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais a ABGLT de Curitiba, a Fundación Todo Mejora no Chile, Gay, Lesbian & Straight Education Network (GLSEN) no EUA, a Universidade Federal do Paraná (UFPR) e o Núcleo de Estudos Afro-brasileiros também da UFPR.

A pesquisa baseou-se em alguns quesitos e os resultados foram expressivos e muito preocupantes, onde no quesito insegurança, 60% dos alunos entrevistado dizem se sentir inseguros por conta de sua orientação sexual e 45% por conta da sua identidade de gênero, já nos comentários pejorativos 48% relataram terem ouvidos de seus pares comentários LGTBfóbicos e já 55% ouviram comentários negativos sobre pessoas trans. Na questão da agressão/violência, 73% já foram agredidos/as verbalmente e 27% fisicamente por conta de sua orientação sexual e 68% agredidos/as verbalmente e 25% fisicamente por conta da identidade gênero.

Em um panorama maior 56% dos/das estudantes foram de alguma forma assediados/as sexualmente na escola, na questão da família/escola, 36% acreditam que foi “ineficaz” a resposta e melhoras para impedir as agressões e 39% afirmaram que nenhum membro da família falou com a equipe multidisciplinar após a agressão ou violência. Sobre as faltas, 58,9% faltaram as aulas no mês anterior por conta das agressões relacionadas a orientação sexual e 51,9% devido a identidade de gênero, já o bem-estar dos alunos 73,7% vivenciaram algum tipo de agressão devido a orientação sexual e 67% por conta da identidade de gênero.

No acolhimento 64% relataram que não existia nada ligado a isso, nem no regulamento ou desconhecia tal e apenas 8% relataram ter algo que respaldava isso no regulamento. A pesquisa ainda trouxe alguns dados dos espaços/locais onde os alunos sofreram algum tipo de violência e os evitam, sendo eles: 38,4 os banheiros, 36,1 as aulas de educação física, vestuários 30,6 sendo os espaços com as maiores taxas e 27,1 disseram não evitar nenhum local escolar.

A intolerância religiosa tem sido um fator preocupante, uma vez que a superioridade e a predominância de um segmento religioso tem afetado o comportamento do ser humano, usando a desculpa da liberdade de expressão para ofender e atacar o próximo, e sabemos que algumas religiões tem sido um alvo maior e um exemplo disso é o canal de denúncias “Disque 100” que nos primeiros seis meses do ano 2017, relatou que das 169 ligações 39,05% foram direcionadas a pessoas praticantes das religiões de matriz africanas, enquanto 1,8% foram denúncias de católicos e 3,8% os protestantes. (SACRILEGENS-CARTA CAPITAL)

“É evidente que a intolerância religiosa não nasce na escola, tanto quanto também não nasce na escola a identificação religiosa. A intolerância religiosa é um conflito que está fora dos portões das escolas, está na sociedade brasileira e é transportado para o ambiente escolar. (...)” (A mediação escolar como instrumento auxiliar de construção da tolerância/respeito à diversidade religiosa, 2018, p.1513, SOUZA e OLIVEIRA)

A violência decorrida dessa intolerância está não somente a ignorância mas também a falta de conhecimento, como exposto por SOUZA e OLIVEIRA (2018), esse é um conflito que nasce fora dos portões da escola, a influência para tal comportamento vem de casa, da rua de casa ou de alguém próximo desprovido de informação ou com uma bagagem preconceituosa, já que em sua grande maioria ligam a religião a etnia e raça, trazendo não somente o racismo como a xenofobia à tona disfarçado no seu direito de opinar, uma amostra disso é o informe que o PENSE (2015) traz onde 4,2% dos alunos participantes da amostragem relataram ter sofrido algum tipo de violência física ou verbal devido a sua religião.

Na sequência outro fator preocupante é racismo, uma vez que vivemos em uma sociedade extremamente racista, e mesmo aqueles que estão em constante evolução acabam por ter enraizado o racismo estrutural, usando de adjetivos, frases, bordões de cunho ofensivo ou até mesmo ligando características físicas e atitudes erradas a cor de pele das pessoas, Kuhlkamp (2015, p.28) diz: “A pele negra carrega uma história muito longa, marcada por sofrimentos e injustiças.”, existe a necessidade da quebra desse paradigma, desse pensamento de superioridade de uma única raça e cor.

Neste tipo de *bullying* geralmente, os praticantes, possuem uma aversão a pessoas negras, tem-se que perceber, que cada um possui suas características físicas, culturais, religiosas, sexuais, e sobretudo sua corporeidade, através da corporeidade o sujeito se relaciona com o mundo, ou seja, a corporeidade é relacional, mas para que isso ocorra precisa-se de um trabalho voltado para a prevenção o *bullying* seja ele aquele praticado a outrem, ou até mesmo o preconceito que uma pessoa sente por si mesma, por características que a desagradam.

#### **4 LEGISLAÇÃO, ESTRATÉGIAS E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DE COMBATE AO BULLYING**

Quando se faz uma análise comparativa acerca do relato de sofrer, usando os dados das últimas edições do PENSE (2009, 2012 e 2015) nota-se um alto crescimento do *bullying* escolar, o qual teve aumento expressivo de 37%, esse número atrelado aos dados apresentados anteriormente provam que existe a necessidade de uma intervenção em âmbito jurídico. Nos dias de hoje ainda existe os que tentam invalidar ou diminuir a gravidade dessa violência ao outro, a temática de prevenção e diminuição já é trabalhada afincado a muitos anos e durante anos projetos de lei com essa finalidade, foram apresentados e não tiveram sucesso.

Por anos a tentativa de intervenção para diminuição e punições para os que cometem tal projetos de lei com fins de penalização e ou diminuição, são criadas e por muitas vezes eram vetadas ou não aprovadas, depois de tantas lutas em 6 de novembro de 2015 foi instituída o Programa de Combate à intimidação Sistemática (*Bullying*): Lei Federal n.13.185/2015, lei essa que dispõe de oito artigos, três parágrafos e vinte e cinco incisos dispostos na lei. A Lei fica instituída e aplicável em todo o território brasileiro conforme o artigo 1º, ainda nesse artigo os parágrafos 1º e 2º, transcrevem acerca do que é considerado *bullying*, público atingido e os órgãos relacionados a fundamentar, conforme a seguir:

“§ 1º No contexto e para os fins desta Lei, considera-se intimidação sistemática (*bullying*) todo ato de violência física ou psicológica, intencional e repetitivo que ocorre sem motivação evidente, praticado por indivíduo ou grupo, contra uma ou mais pessoas, com o objetivo de intimidá-la ou agredi-la, causando dor e angústia à vítima, em uma relação de desequilíbrio de poder entre as partes envolvidas.

§ 2º O Programa instituído no caput poderá fundamentar as ações do Ministério da Educação e das Secretarias Estaduais e Municipais de Educação, bem como de outros órgãos, aos quais a matéria diz respeito.” (BRASIL<sup>3</sup>, 2015)

---

<sup>3</sup> LEI Nº13.185, 6 de novembro de 2015

Ainda na visão de Brasil (2015) sobre a lei, o artigo 2º caracteriza os atos considerados intimidação sistemática, sendo alguns deles: “I - ataques físicos; II - insultos pessoais; III - comentários sistemáticos e apelidos pejorativos; IV - ameaças por quaisquer meios; (...) VII - isolamento social consciente e premeditado; (...)”, enquanto o artigo 3º classifica as ações praticadas conforme a seguir: “I - verbal: insultar, xingar e apelidar pejorativamente; II - moral: difamar, caluniar, disseminar rumores; III - sexual: assediar, induzir e/ou abusar; IV - social: ignorar, isolar e excluir; V - psicológica: perseguir, amedrontar, aterrorizar, intimidar, dominar, manipular, chantagear e infernizar; (...)”.

A lei ainda em seu parágrafo único o disposto entre esses dois artigos, foca na intimidação sistêmica na internet o *cyberbullying* “(...) quando se usarem os instrumentos que lhe são próprios para depreciar, incitar a violência, adulterar fotos e dados pessoais com o intuito de criar meios de constrangimento psicossocial.”, pratica essa que estende-se através de redes sociais, páginas, sites ou qualquer meio que fuja do ataque físico e direto e ainda aliado com o alto crescimento do acesso a aparelhos e a internet esses ataques aumentam, levando a uma proporção de expansão muito maior e fora do controle.

O artigo 4º vem com a finalidade de constituir os objetivos e métodos para a prevenção dessa prática, conforme os incisos a seguir: “(...) II - capacitar docentes e equipes pedagógicas para a implementação das ações de discussão, prevenção, orientação e solução do problema; III - implementar e disseminar campanhas de educação, conscientização e informação; (...)” ambos trazem algo a ser analisado, já que sabemos que infelizmente os docentes e equipe pedagógica não é habilitada para lidar ou tentar resolver os problemas decorridos, isso quando não os causadores iniciais desta prática, e sobre as campanhas de prevenção a Exame (2017/8) expõe que sem a devida fiscalização e acompanhamento a lei engatinha de forma lenta.

Os incisos IV e V do mesmo artigo explanam acerca da conduta e orientações aos pais e responsáveis tanto das vítimas, quanto dos agressores, além de reiterar a necessidade da assistência psicológica, social e jurídica. Todos os incisos são de extrema importância, porém evidencio aqui alguns deles como forma de exemplificar o que lei diz, ainda no artigo 4º o inciso IX vem com a finalidade da promoção de medidas de conscientização, prevenção e combate de todos os tipos de *bullying* de natureza física ou psicológica, cometidas por alunos, professores e outros profissionais da escola ou comunidade escolar. Diante disso em 14 de maio de 2018, foi sancionada a Lei 13.663 esta que altera o artigo 12º da LDBEN 9.394/1996 conforme a seguir:

“Art. 1º O caput do art. 12 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, passa a vigorar acrescido dos seguintes incisos IX e X: “Art. 12.

IX - promover medidas de conscientização, de prevenção e de combate a todos os tipos de violência, especialmente a intimidação sistemática (*bullying*), no âmbito das escolas; X - estabelecer ações destinadas a promover a cultura de paz nas escolas.” (NR)” (BRASIL, 2018)

As duas leis *antibullying* apresentadas anteriormente não tem a função de penalizar ou punir os agressores, mas sim, conscientizar aqueles que praticam, quanto a sociedade que tem pensamentos limítrofes e apoiam a pratica, acreditando que não traz malefícios. Infelizmente a lei ainda não é tipificado como crime, por conta disso os casos só tende a aumentar, até aqui é possível notar dois viés, um que acredita na regeneração e arrependimento do agressor e outro que acredita que a falta de medidas mais rígidas faz com que dia a dia mais vítimas tenham suas vidas arruinadas, deixando marcas significativas ou até mesmo ao ponto do suicídio.

Partindo do exposto, apresentado pelas questões conceituais e de legislação, pode-se debruçar em práticas e estratégias pedagógicas, que possam subsidiar a diminuição e a prevenção institucional do Bullying no cotidiano escolar, portanto, entende-se que a estratégia, possui uma grande aproximação com o ensino e a aprendizagem. Pensando por este viés, percebe-se ainda, uma grande lacuna na formação inicial e continuada dos professores, que atuam nos mais diferentes níveis e etapas da educação, ou seja, essa lacuna dificulta a atuação docente frente a diminuição dos aspectos inerentes ao bullying e suas nuances, neste sentido, Petrucci e Batiston (2006, p. 263) afirmam que,

[...] a palavra “estratégia” possui estreita ligação com o ensino. Ensinar requer arte por parte do docente, que precisa envolver o aluno e fazer com ele se encante com o saber. O professor precisa promover a curiosidade, a segurança e a criatividade para que o principal objetivo educacional, a aprendizagem do aluno, seja alcançada.

Pensando no contexto do bullying, podemos definir estratégia, como sendo, metodologias, práticas, concepções, que devem ser construídas, refletidas e executadas não apenas pelos docentes da escola para a prevenção de tal prática, mas, de todos os envolvidos nas atividades educacionais, sejam, diretores, pedagogos, equipe administrativa da escola, comunidade escolar, instâncias colegiadas e sobretudo a família do estudante. Partindo destes pressupostos, na sequência, apresenta-se algumas práticas de prevenção institucional do *bullying*.

A primeira estratégia, se configura como campanhas de prevenção, que podem ocorrer durante uma determinada periodicidade na escola, conforme calendário e planejamento da equipe pedagógica e conforme a demanda de urgência de intervenção pedagógica e psicopedagógica. Portanto, deve-se observar, que uma campanha de prevenção, precisa possuir uma temática, no caso específico o bullying, tempo de execução, qual o público-alvo da campanha, ou seja, qual a faixa etária e as séries

envolvidas, quais os tipos de trabalhos serão realizados, ou seja, uma campanha precisa utilizar diferentes tipos de linguagem, exemplo, *folders*, músicas, palestras, vídeos, imagens, dramatizações, dentre outros, devendo então utilizar a criatividade dos envolvidos no evento.

Como uma segunda estratégia será proposto a utilização de jogos, uma vez que desempenhariam papel diferenciado, mas muito essencial, tendo em vista que durante a diversão é o melhor momento para se trabalhar certas temáticas, como o bullying. Os jogos pedagógicos e as atividades lúdicas, estão cada vez mais ganhando espaço na educação justamente pela inovação em metodologias ativas, visto que o trabalho desta pratica vem atrelada com a expressão afetiva, trabalho motor e cognitivo, na interação social, apropriação das regras sociais e de convívio, além de em muitas das vezes a possibilidade de se trabalhar a diversidade que é tão necessária para o desenvolvimento psicossocial da criança, no tato com as diferenças de cada ser humano assim possibilitando se trabalhar a empatia.

O jogo “As delícias em uma salada de frutas” é a primeira opção como intervenção pedagógica, com o tema central do reconhecimento e valorização da diversidade e tem por finalidade trabalhar o relacionamento interpessoal, diversidade, conhecimento, socialização, comunicação e a promoção de espaços de integração, atividade esta que pode ser proposta a partir dos 4 anos e podendo ser executada em 20 minutos. A atividade será realizada com a seleção de frutas diversas dispostas em cestos, na sequência as crianças deverão escolher uma fruta de forma aleatória e de preferência sem olhar, cada aluno irá dizer, nome, cor, gosto e o que pode ser feito com a fruta que pegou. A finalidade da atividade será demonstrar a beleza na diversidade das frutas, local da onde ela é, e ligar esses aspectos a sociedade as pessoa e por fim reforçar que juntando essas frutas não teremos o gosto isolado de apenas uma e sim os diferentes gostos e cores ali misturado e por fim os alunos comeram da salada de fruta e seu caldo “adocicado”, uma ótima atividade cheia de reflexões a ser repassada. (MIRANDA E DUSI, 2011)

O segundo jogo escolhido como proposta é “Somos Plurais, Mas Somos Singulares”, a temática principal deste é o trabalhado com o relacionamento interpessoal, a faixa etária a partir dos 7 anos a jovens, com o foco na diversidade e a integração, além de promover o estreitamento dos laços de pertencimento e socializar o grupo. A atividade consiste em o mediador entregar uma folha de papel e uma caneta/lápis aos participantes e solicitar que ao sinal desenhe um rosto com olhos e nariz, na sequencia um boca e dentes, depois um pescoço e por último um tronco e tudo isso sem tirar a caneta/lápis do papel e ao final pedir que todos compartilhem o seu desenho e que todos percebam que cada desenho ficou

diferente do outro, com isso será o momento para trazer a reflexão que mesmo sendo a mesma situação (desenho da mesma coisa) cada um vê de uma forma, que somos seres multifacetados e devemos respeitar o ponto de vista do próximo, já que cada um pense de uma forma. (MIRANDA E DUSI, 2011)

Foram apresentadas algumas estratégias, para prevenção do bullying institucional em escolas, seja dentro ou fora da sala de aula, contudo, existem diferentes aspectos, metodologias, estratégias e práticas que podem e devem ser utilizadas para o combate desta prática.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Para a concretude desta pesquisa, faz-se necessário, retomar o problema de pesquisa, e dialogar para a verificação do problema, ou seja, se foi resolvido ou não, para tanto, a indagação principal girou em torno da preocupação acerca das práticas do *bullying*, ou seja, se este é o causador de prejuízos no desenvolvimento cognitivo e nas relações psicossociais dos educandos, entre outros problemas, quais são os impactos dessa prática e as formas de combate?

Com essa pesquisa, pude perceber que os problemas decorridos dessas práticas, são altamente prejudiciais à saúde física e mental daqueles que o sofrem, os dados relatados durante a extensão deste trabalho, mostram que crianças e adolescente já passaram por algum tipo de violência. Violência essa que na maioria dos casos se inicia ainda no ensino fundamental e percorre até o final do ensino médio, e que deixa marcas expressivas que refletem no futuro dessa vítima.

Esta indagação que norteou a pesquisa, gerou objetivos específicos, que precisam ser retomados, sendo, (a) Analisar os impactos psicológicos e educacionais em decorrência do bullying; (b) Identificar fatores de vulnerabilidade que levam as práticas de bullying; (c) Apresentar a legislação, práticas e estratégias de combate ao *bullying*. Estes objetivos, foram cumpridos, a medida em que o texto foi sendo construído, ou seja, cada objetivo específico deste artigo, refletiu em um capítulo da pesquisa, portanto, cumprindo o respectivo objetivo estabelecido.

A temática *bullying*, se faz necessária ser trabalhada no cotidiano escolar como forma de prevenção e fim dessa prática tão enraizada na criação das pessoas, durante a pesquisa pude perceber as contribuições que ela terá para meu futuro tanto como professor em sala ou pedagogo. Eu enquanto um aluno que sofreu bullying na educação infantil, perpassando ensino fundamental até o ensino médio, sei quais foram as marcas que isso

me causou e poderiam ter sido elas que me impediriam de alcançar meus objetivos, mas sabemos que muitos não tiveram essa oportunidade, por isso existe a necessidade da mudança em âmbito educacional.

Em quanto pedagogo/professor, os conhecimentos adquiridos enquanto pesquisava sobre e a minha vivência em uma vítima dessa prática, farão com que eu procure estratégias que previnam ou que minimizem que outros alunos passam por algum tipo de constrangimento decorrido disso e que tenham a escola como um ambiente seguro, acolhedor o qual possam ter uma educação de qualidade e integradora a qualquer pessoa independente da sua raça, cor, etnia, sexualidade, religião ou qualquer motivo que seja aquilo que hoje os impede de sentir recebidos e incluídos ao invés de integrados.

A pesquisa me abriu os olhos e me fez ver a situação com outras perspectivas, acreditando ser possível um dia ver essa prática ser erradicada de uma vez e os sentimentos relatados anteriormente possam fazer parte do dia a dia de crianças e adolescentes, para continuidade da pesquisa, procuraria realizar pesquisas afim de se ter um panorama maior dos números atualizados, já que a última pesquisa realizada é de 2015 ano em que foi sancionada a Lei *antibullying*, assim seria possível entender o fenômeno e sua evolução e entender melhor como se comportam os passivos agressores. Não mudaria nada, apenas aprofundaria mais a pesquisa, já que existem poucos artigos/livros que trabalhem a temática.

## Referências

A PRODUÇÃO subjetiva do cuidado: uma cartografia de bullying escolar. **Bullying; adolescente; cartografia; subjetividade; Atenção Primária à Saúde.**, Rio de Janeiro, 22 jun. 2018. Revista de Saúde Coletiva, p. 1-21. Disponível em: <https://scielo.org/>. Acesso em: 30 mar. 2020.

ADOLESCENTES ESCOLARES: ASSOCIAÇÃO ENTRE VIVÊNCIA DE BULLYING E CONSUMO DE ÁLCOOL/DROGAS. **Adolescente. Bullying. Alcoolismo. Usuários de drogas. Pesquisa em Enfermagem.**, Brasil, p. 1-10, 27 nov. 2017. Disponível em: <https://scielo.org/>. Acesso em: 30 mar. 2020.

ASSOCIAÇÃO entre bullying escolar e o país de origem: um estudo transcultural. **Bullying; vitimização; agressão; vítimas-agressoras; transcultural.**, [S. l.], 31 mar. 2020. Revista Brasileira de Educação, p. 1-22. Disponível em: <https://scielo.org/>. Acesso em: 30 mar. 2020.

BRASIL, **Saúde e sexualidade de adolescentes**- Disponível em: [http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/saude\\_sexualidade\\_adolescente\\_construindo\\_equidade\\_sus.pdf](http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/saude_sexualidade_adolescente_construindo_equidade_sus.pdf). Acesso em 30 de out de 2020



BRASIL. **Estudantes LGBT se sentem inseguros nas escolas, aponta pesquisa**

Fonte: Agência Câmara de Notícias. Disponível em:

<https://www.camara.leg.br/noticias/525534-estudantes-lgbt-se-sentem-inseguros-nas-escolas-aponta-pesquisa/> acesso em 23 Out. 2020.

BRASIL. **LEI Nº 13.185, DE 6 DE NOVEMBRO DE 2015..** Disponível em:<

[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/ato2015-2018/2015/lei/l13185.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2015-2018/2015/lei/l13185.htm) > Acesso em 30 de out de 2020

BRASIL. **LEI Nº 13.663, DE 14 DE MAIO DE 2018.** Disponível em:<

[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/ato2015-2018/2018/lei/L13663.htm#:~:text=Alterar%20o%20art.,incumb%C3%AAsncias%20dos%20estabelecimentos%20de%20ensino.](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2015-2018/2018/lei/L13663.htm#:~:text=Alterar%20o%20art.,incumb%C3%AAsncias%20dos%20estabelecimentos%20de%20ensino.) > Acesso em 30 de out de 2020

**BULLYING escolar: prevenção, intervenção e resolução com princípios de justiça restaurativa.** 1. ed. Curitiba: Intersaberes, 2017.

CARTA CAPITAL. **A intolerância religiosa não vai calar os nossos tambores.**

Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/diversidade/a-intolerancia-religiosa-nao-vai-calar-os-nossos-tambores/> acesso em 23 Out. 2020.

CURITIBA. **As experiências de adolescentes e jovens lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais em nossos ambientes educacionais** . Disponível em:

<https://www.grupodignidade.org.br/wp-content/uploads/2016/03/IAE-Brasil-Web-3-1.pdf> acesso em 23 Out. 2020.

EL PAIS. **‘Afeminofobia’: o desafio de ser autêntico em um mundo que cultua o macho.** Disponível em:

[https://brasil.elpais.com/brasil/2017/06/28/estilo/1498676098\\_711307.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2017/06/28/estilo/1498676098_711307.html) acesso em 23 Out. 2020.

EVOLUÇÃO do relato de sofrer bullying entre escolares brasileiros: Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar – 2009 a 2015. **Bullying. Adolescentes. Violência. Vulnerabilidade. Intersectorialidade. Inquérito.**, Brasil, p. 1-14, 8 mar. 2017. DOI 10.1590/1980-549720180015.supl.1. Disponível em: <https://scielo.org/>. Acesso em: 30 mar. 2020.

EXAME. **Sem fiscalização, lei antibullying engatinha no país.** Disponível

em:<<https://exame.com/brasil/sem-fiscalizacao-lei-antibullying-engatinha-no-pais/>> Acesso em 30 de out de 2020

FELIZARDO, Aloma Ribeiro. **Bullying - a violência que nasce na escola: orientações práticas para uma cultura de paz.** InterSaberres; Curitiba - PR 1ª edição (2 setembro 2019)

KUHLKAMP, Moacir Cesar. **BULLYING RACIAL: A COR DO PRECONCEITO E A DISCRIMINAÇÃO LATENTE NAS ESCOLAS.** Disponível em:

<https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/52473/R%20-%20E%20-%20MOACIR%20CESAR%20KUHLKAMP.pdf?sequence=1&isAllowed=y> acesso em 23 Out. 2020.

LOPES NETO, Aramis A. **Bullying: comportamento agressivo entre estudantes.** *J. Pediatr. (Rio J.)* [online]. 2005, vol.81, n.5, suppl., pp.s164-s172. ISSN 1678-4782.

MALTA, Deborah Carvalho et al . Prevalência de bullying e fatores associados em escolares brasileiros, 2015. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro , v. 24, n. 4, p. 1359-1368, Apr. 2019 . Available from <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-81232019000401359&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232019000401359&lng=en&nrm=iso)>. access on 23 Oct. 2020.

MALTAI, Deborah Carvalho, et al. **Bullying e fatores associados em adolescentes brasileiros: análise da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE 2012).** REV BRAS EPIDEMIOL SUPPL PeNSE 2014; 131-145

O BÊ-Á-BÁ da intolerância e da discriminação. **Violência nas escolas**, Brasil, p. 28-56, 31 mar. 2020. Disponível em: <https://scielo.org/>. Acesso em: 30 mar. 2020.

OLIVEIRA, Wanderlei Abadio de, **bullying e família: uma revisão sobre fatores de risco e de proteção.** Disponível em:<[https://educere.bruc.com.br/CD2013/pdf/7689\\_4932.pdf](https://educere.bruc.com.br/CD2013/pdf/7689_4932.pdf)> acesso em 23 Out. 2020.

PERCEPÇÕES de estudantes sobre bullying e família: um enfoque qualitativo na saúde do escolar. **Saúde escolar; saúde do adolescente; relações familiares; violência; bullying.**, Rio de Janeiro, 31 mar. 2020. Cadernos Saúde Coletiva, p. 158-165. Disponível em: <https://scielo.org/>. Acesso em: 30 mar. 2020.

PETRUCCI, Valéria Bezzera Cavalcanti& BATISTON, Renato Reis. (2006). **Estratégias de ensino e avaliação de aprendizagem em contabilidade.** In: Peleias, Ivam Ricardo. (Org.) Didática do ensino da contabilidade. São Paulo: Saraiva.

MIRANDA, de Simão; DUSI, Miriam. **Previna o Bullying: Jogos Para uma Cultura de paz.** Papirus Editora; 1ª edição (28 junho 2011)

UNIPAMPA. **Intervenção roda de conversa sobre sexualidade** Disponível em: [https://sites.unipampa.edu.br/pibid2014/files/2014/11/sexualidade\\_roda-de-conversa.pdf](https://sites.unipampa.edu.br/pibid2014/files/2014/11/sexualidade_roda-de-conversa.pdf). acesso em 23 Out. 2020.

ZEQUINÃO, M. A, et al. **A VULNERABILIDADE SOCIAL E O FENÔMENO BULLYING: um estudo qualitativo acerca das crianças e adolescentes da grande Florianópolis, Brasil.** Disponível em: <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/57329/1/A%20VULNERABILIDADE%20SOCIAL%20E%20O%20FEN%20C3%94MENO%20bullying.pdf> acesso em 23 Out. 2020.

ZEQUINÃO, M. A., Oliveira, W., Medeiros, P., Oliveira, B. P., & Cardoso, F. L. (2017). **VULNERABILIDADE E BULLYING ESCOLAR: INTERFACES TEÓRICAS POSSÍVEIS.** *Pensar a Prática*, 20(3).